



UM BOM ENCONTRO

Tiche Vianna

Resumo

Trata-se do depoimento da atriz, diretora e pesquisadora Tiche Vianna sobre a experiência vivenciada em 2014, no ateliê "Introdução à exploração do canto vibratório" conduzido por Maud Robart, realizado no Barracão Teatro, em Campinas, distrito de Barão Geraldo.

Palavras-chave: Canto, vodu afro-haitiano, Maud Robart, tradição.



Introdução

Um bom encontro, segundo Luiz Fuganti¹, inspirado pelo filósofo Spinoza, é tudo aquilo que nos potencializa. Nós, artistas pesquisadores do Barracão Teatro, podemos afirmar sem margem de dúvida, que nosso encontro com Maud Robart foi um destes encontros extremamente potencializadores, não só por nos fazer ver que na simplicidade reside a grandeza dos gestos transformadores, mas por nos trazer a dimensão da esfera simbólica, no exercício da paciência e da persistência na repetição cotidiana da concentração.

Entre atores e atrizes (dos mais jovens aos mais velhos) todos tínhamos experiência suficiente para sabermos que concentrar é uma chave primeira em nosso trabalho teatral. Para Maud, porém, pouco importava o quanto soubéssemos e o que trazíamos em nossa bagagem. Importava quem éramos em cada segundo de nossa existência e o que fazíamos para alcançar nosso objetivo, que nada mais era do que cantar, mas cantar com tamanha presença que cada presença somada à outra, transformasse aquele lugar em um ambiente afetivo, pleno de imagens geradoras de infinitas sensações.

Nenhum de nós conhecia a língua dos cantos e não traduzíamos as letras. Nós repetíamos o que ouvíamos e nos esforçávamos em entender as palavras tal qual eram pronunciadas por Maud. Eu levei algum tempo para perceber que também isso pouco importava, pelo menos naqueles dias em que entrávamos em contato, pela primeira vez, com os cantos do vodu afro-haitiano. O que importava acima de tudo, era que algo profundo, autêntico e extremamente humano nos acontecesse; algo que nos fizesse experimentar o sentido da vida e a percepção de sua plenitude, mesmo que por um instante.

Um convite inesperado, um outro espaço revelado.

Quando Eduardo Okamoto² nos perguntou se tínhamos interesse em ceder o espaço do Barracão Teatro para que Maud Robart ministrasse seu ateliê: "Introdução à exploração do canto

¹ Luiz Fuganti é filósofo autodidata, fundador da Escola Nômade de Filosofia.

² Eduardo OKAMOTO é ator e professor na Unicamp.

vibratório", através de um parceria estabelecida entre três universidades (UFU, UNICAMP e USP), aceitamos imediatamente, embora houvesse certa preocupação. Conhecíamos a exigência de Maud quanto às qualidades de um espaço físico e o Barracão Teatro, embora seja um espaço cênico, é um local sem nenhum isolamento acústico, o que certamente interferiria no trabalho.

Um dia antes do início do curso foram feitos ajustes necessários com rotundas brancas cobrindo as paredes escuras; e no dia seguinte, ao chegarmos ao Barracão Teatro, entrávamos em um local totalmente inédito para nós que éramos habituados a frequentá-lo cotidianamente.

Maud ministrou seu curso ao lado de Thibaut, ator que a acompanha há muito tempo em encontros regulares destinados a transmitir sua prática. No curso, Thibaut foi responsável pela preparação corporal que antecedia a prática do canto vodu.

A transformação de nosso espaço físico não se deu apenas pela transformação material das pequenas adaptações. O modo de nos receber, de estabelecer sua primeira comunicação conosco, iniciar o trabalho físico, fazer um intervalo para troca de roupas e início da segunda parte, onde todos vestidos de branco, elegantes, com as mulheres usando saias, dava àquele lugar uma dimensão sagrada. Apesar de estarmos em um dia comum, num bairro comum, com todos os rumores de uma vida de cidade ativa de trabalhadores, era como se o Barracão Teatro tivesse se tornado um templo. Havia silêncio como se a rua ao nosso redor compreendesse que o que se passava ali merecia o silêncio. Pouquíssimas vezes tivemos que aguardar alguns instantes para que os barulhos mais altos, como o carro que passa vendendo produtos de limpeza anunciando suas mercadorias, cessassem. Para nosso alívio, estes sons nunca coincidiam com o momento do canto.

Em nosso primeiro dia de trabalho, Maud pediu que caminhássemos pelo espaço e o observássemos como se o víssemos pela primeira vez. Pareceu-me que naquele momento todos nos entregamos, coletivamente, ao desconhecido, em um exercício de plena confiança. Iniciamos uma prática extremamente rigorosa, sem muitas explicações e muito exigente.

O que nós fizemos no primeiro dia, nós fizemos todos os demais dias: as mesmas sequências físicas de preparação do corpo antes do canto. Somente as melodias variavam de acordo com as escolhas de Maud, que parecia selecioná-las segundo o que se processava entre nós e que a inspirava.

A repetição pode parecer, a princípio, algo sem graça, sem curiosidade e pode até estimular o desinteresse. Aos poucos, porém, percebíamos que repetir, cada vez com maior exatidão, presteza, precisão, nos fazia derrubar alguns obstáculos que, via de regra, nos impedem de nos dedicarmos ao momento presente. Em primeiro lugar, a pretensão: ninguém era melhor que ninguém, ninguém tinha que mostrar nada a ninguém, nem seu pior nem seu melhor lado.

O que Maud nos mostrava era que fazer algo acontecer *entre* nós pressupunha fazer algo acontecer *em* nós, ou seja, de ir procurar no fundo de nós mesmos esta capacidade de mergulhar verticalmente em um trabalho, sem esperar qualquer resultado para que os outros pudessem admirar. Os resultados foram vividos por cada um.

Esta prática revelava algo inédito para nossa consciência, mas provavelmente evocado de um conhecimento ancestral que nos habita e que de alguma maneira nunca oferecemos espaço para que se manifeste, tamanha nossa necessidade humana e artística de sermos espetaculares.

O trabalho com Maud não queria o espetáculo, queria o que de humano nos faz existir.

Sobre o rigor e o canto

O rigor de Maud e Thibaut era admirável para alguém que como eu coordena, dirige e orienta trabalhos artísticos, que procuram gerar acontecimentos de dentro para fora do ser, através do teatro. Eles, entretanto, não visavam nada de teatral, pediram inteireza, presença e entrega.

Ser rigoroso pressupõe exigir de si e do outro. As palavras de Maud pareciam algumas vezes extremamente duras, principalmente para os mais jovens, mas como esculpir a matéria já condensada sem alguns golpes de formão? E não são unicamente estes golpes que seriam capazes de arrancar os excessos cristalizados e indesejáveis, para que a imagem se revele na madeira ou na pedra?

Sem nos melindrarmos, nos colocávamos todos à disposição do que nos era pedido, procurando fazer da melhor maneira possível o que nos era indicado, pois compreendíamos que

isso faria de nós, doze pessoas singulares, de diferentes experiências, um corpo integrado, capaz de dialogar por intermédio do canto e dos movimentos.

A partir do momento que fazíamos do rigor a nossa meta, percebíamos que entre nossos corpos algo acontecia. Nossos tempos se transformavam, nossas urgências se acalmavam, nos harmonizávamos de uma tal maneira que começávamos a nos deixar invadir por sensações que, a partir daí, começaram a se tornar mais perceptíveis.

Diante da firmeza das exigências, surgiam os cantos com delicadeza, numa harmonia de encanto, às vezes como se fossem mantras, às vezes convocações. Não entendíamos nada do que cantávamos pois as letras eram uma espécie de linguagem dialetal e, mais uma vez, tínhamos que nos deixar envolver por aquele som e dar-lhe mais sentido que significação.

Maud fala pouco sobre a história dos cantos vodú. Para reforçar a qualidade da presença e a abertura natural dos sentidos, ela não encorajava nenhuma aproximação intelectual com o que era proposto. Eu a observava cantar e via o quanto ela jogava cantando, como uma criança, assumindo livremente a inocência de sua diversão, e era prazeroso vê-la, escutá-la e imitar o som. Neste instante o grupo adquiria alguma intimidade, que não se repetia em mais nenhum outro momento. Aqui, éramos um coro, partes de um mesmo todo, ligados por um ato comum. As distâncias entre nossos corpos no espaço era a mesma, o tempo de deslocamento também, os pés que iniciavam os movimentos estavam sempre do mesmo lado - direito ou esquerdo -, e a direção era dada por um dos nossos orientadores. Nossos movimentos eram absolutamente silenciosos, como se o peso desaparecesse de nosso corpo e apenas a fluidez fazia a passagem de uma coisa a outra, sem sabermos onde habitava o começo e o fim, como se fôssemos apenas meio, passagem, transição.

Era neste corpo que o som se produzia, era este o corpo que cantava, parecia que para libertar a alma aprisionada!

As coisas simples da vida

O que se passou no Barracão Teatro nestes dias não foi nada que pudesse ser anunciado como um resultado brilhante de alguma proposta totalmente inovadora e excepcional. O que

aconteceu foi tão somente uma prática de exploração dos efeitos do canto, no ato de cantar, sobre nosso imaginário. Quantas vezes já não fizemos isso, de alguma maneira? Mas o que me surpreendeu, e penso nisso até hoje, é que a simplicidade, uma das coisas mais difíceis de se alcançar, é, de fato, o grande objetivo deste trabalho. E ao chegar perto disso e se entregar a isso, realmente, é como mergulhar em um estado de natureza primeira: estar vivo e estar vivo aqui, agora. Apenas isso bastaria para dar sentido à existência humana. Todo o resto seria invenção, ficção.

Estar presente, em ação, pois trabalhávamos para criar uma relação na qual a percepção de si e do outro era o impulso para a construção de um coletivo harmônico, extremamente ativo na realização de percursos determinados no espaço, me dava a sensação de tocar ligações internas potentes e transformadoras, totalmente desconhecidas, embora existentes.

Esta experiência me colocou em um lugar que não costumo frequentar diariamente: o lugar da espiritualidade! Mas que ninguém se confunda: neste caso a espiritualidade não tem relação nenhuma com religião.

Parece que nossa vida, cotidianamente, acontece de uma maneira, que nos pede para olhar para o futuro e nos coloca um passo adiante, sempre adiante do que está aqui e agora! Mas ali, naquela sala toda branca, onde fazíamos todos os dias as mesmas coisas para depois iniciarmos um canto que não conhecíamos, nem entendíamos, e a propósito do qual não tínhamos explicações, mas que, no entanto, exercia sobre todos nós a força e o fascínio de ousar a experimentação do contato e todas as consequências que ele pudesse gerar sem que, para isso, algo espetacular tivesse que acontecer.

Estávamos apenas nós, sem identidade ou importância especial.

Talvez estas sensações sejam semelhantes, ou próximas, daquelas que nos fazem sentir os ritos sagrados, as celebrações. Os próprios cantos poderiam se assemelhar à função de mantras, ladainhas e tantas outras canções religiosas, que servem para nos "re-ligar" à espiritualidade, à expressão sensível do que não se explica com palavras.

Isso tudo me fez pensar que a expressão artística inevitavelmente passa por este mesmo lugar; e o artista por mais que possa dominar suas técnicas, só dará sentido a elas quando se

permitir ser afetado para poder afetar, e talvez isso nada mais seja que confiar na própria capacidade de receber o que chega até você, sem se preocupar com o que vai sair e sem medo de viver o que poderá te causar.

Compartilhar, mais do que teorizar.

Aos cinquenta anos, eu posso dizer que não faço cursos para buscar respostas. Faço cursos para encontrar as perguntas que ainda não fiz, e este trabalho me permitiu viver o tempo sem pressa, viver um ato sem querer significá-lo para poder senti-lo, viver o rigor sem a rigidez, receber mais que propor e afirmar mais do que questionar.

Em plena era da informação, foi importante romper o cotidiano de atividades do Barracão Teatro e dedicar-me a não ter o que dizer. Ao falar sobre isso agora, me dou conta de que esta narrativa pode ser uma tentativa de explicar o inexplicável.

Quando me foi feito o convite para escrever sobre esta experiência, meu desejo era compartilhar impressões e sensações sobre o trabalho com Maud e Thibaut. Não pretendo mais do que isso, pois o caráter deste texto é realmente o de um testemunho. E neste caso, faço presente por meio destas palavras meu testemunho sobre o encontro entre a arte e o rito, o canto e as tantas vozes capazes de preservá-lo ao longo do tempo, em uma experimentação humana de dimensão incomensurável.

Revisitar esta experiência, agora com algum distanciamento, me permite perceber que sou incapaz de repetir qualquer um daqueles cantos pois minha memória não me restitue nada sobre elas. Mas as imagens que se formam em mim trazem de volta as sensações físicas de minha presença em um determinado espaço, num determinado tempo.

Sorrio quando revejo estas imagens. Um sorriso malandro de quem plantou um segredo em algum lugar de si, mas não desenhou o mapa. Não há como saber do caminho, ou compartilhá-lo, sem refazê-lo!

Recebido em 07/04/2017
Aprovado em 14/05/2017
Publicado em 08/09/2017